

Marx sobre a centralidade das periferias para a revolução global¹

Marx on the centrality of the peripheries for the global revolution

Marcello Musto*

Resumo: Este texto apresenta um exame da fase final e menos explorada do desenvolvimento intelectual de Karl Marx, e sugere uma reavaliação de algumas de suas ideias chave. Desafiemos a duradoura visão deturpada de Marx como um pensador eurocêntrico e economicista. O texto reconsidera as ideias de Marx à luz de suas observações tardias acerca de sociedades não-ocidentais e da crítica do colonialismo europeu e mostra como Marx evitava o determinismo econômico, diferentemente de muitos de seus seguidores. O artigo mostra que Marx enfatizava a especificidade das condições históricas e a centralidade da intervenção humana na moldagem da realidade e na conquista da revolução e de transformação.

Palavras-chave: Marx; Teoria da revolução; Comunismo; Rússia; Centro-periferias.

Abstract: This text presents an examination of Karl Marx's final and mostly unexplored phase of intellectual development and suggests a reassessment of some of his key ideas. It challenges the long-lasting misrepresentation of Marx as a Eurocentric and economic thinker. It reconsiders Marx's ideas in light of his late remarks on non-Western societies and the critique of European colonialism and shows how Marx avoided economic determinism unlike many of his followers. The article shows that Marx highlighted the specificity of historical conditions and the centrality of human intervention in the shaping of reality and the achievement of revolution and change.

Keywords: Marx; Theory of revolution; Communism; Russia; Center-Peripheries.

I. Do centro às periferias

Assim como muitos outros revolucionários europeus de seu tempo, Karl Marx e Friedrich Engels acreditavam que a revolução comunista emergiria em um dos países onde o capitalismo tinha transformado grande parte da população em trabalhadores assalariados, gerando condições de exploração e miséria tão intoleráveis que a rebelião teria se tornaria necessária. Ainda antes da revolução da Comuna de Paris, Marx havia afirmado que, muito provavelmente, o movimento que derrubaria a ordem existente começaria na França, o epicentro – desde 1789 – das mais relevantes mobilizações sociais e transformações políticas na Europa. No entanto, ele estava convencido de que somente na Inglaterra, uma nação onde o capitalismo havia

¹ Traduzido do original em inglês (Marx on the centrality of the peripheries for the global revolution, *Harvard Review of Philosophy*, v. XXXI, 2024) por Gabriella M. Segantini Souza, revisão técnica de Vitor Bartoletti Sartori.

* PhD em filosofia e política na Universidade de Nápoles e na Universidade de Nice. Professor de sociologia na York University em Toronto. E-mail: marcello.musto@gmail.com.

assumido controle de quase todas as esferas da produção, poderia ser levada a cabo uma revolução que alteraria radicalmente as relações econômicas e sociais e apresentaria uma verdadeira sociedade alternativa.

As convicções de Marx sobre onde a revolução poderia ter início gradualmente tornaram-se mais flexíveis. Já em 1853, no artigo *Revolução na China e na Europa*, escrito para o *New York Tribune* a fim de analisar os efeitos do colonialismo britânico, Marx havia escrito que a insurreição na China poderia “exportar desordem para o mundo ocidental” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2010b, p. 98). Ao final da década de 1860, Marx acreditava que a revolução poderia também começar da periferia do sistema. Depois de perceber que, ao invés de fazer uma revolução, a maioria dos trabalhadores ingleses preferira tornar-se a “cauda de seus próprios opressores” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2010f, p. 475) e depois de ter compreendido a centralidade da questão irlandesa, Marx defendeu que o “golpe decisivo contra as classes dominantes na Inglaterra” [*decisive blow against the ruling classes in England*] (MARX *in* MARX; ENGELS, 2010f, p. 475) poderia ser “desferido não na Inglaterra, mas na Irlanda” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2010f, p. 475), e que o único caminho para “acelerar a revolução social na Inglaterra... era tornar a Irlanda independente” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2010f, p. 475). Ele estava firmemente convencido de que um povo que subjugava outro apenas fortalecia suas próprias correntes.

Mesmo diante do final de sua vida, quando foi chamado a expressar sua opinião sobre a possível transformação socialista da comuna rural russa, ele afirmou que essa era uma opção que não poderia ser descartada *a priori*. Ele estava de acordo com Nikolai Tchernyshevsky (1828-89), um proeminente teórico do populismo anticapitalista na Rússia que, em seu ensaio *Crítica dos preconceitos filosóficos contra a propriedade comum da terra* (1859), escrevera que, graças ao amadurecimento de certos fenômenos econômicos e sociais em países economicamente avançados, havia se tornado possível “[esse fenômeno] se desenvolver mais rapidamente entre outros povos e subir de um nível mais baixo direto a um mais alto, passando por cima de momentos lógicos intermediários” (TCHERNICHEVSKY *in* SHANIN, 2017, p. 268). As características positivas da comuna rural poderiam ser preservadas se relacionadas às conquistas feitas na Europa Ocidental. A comuna rural [*obshchina*] poderia contribuir para o advento de um período de emancipação social para o povo russo desde que se tornasse o embrião de uma organização econômica radicalmente diferente da existente. Em outras palavras, sem as transformações produzidas pelo capitalismo, a *obshchina* jamais poderia ter se transformado em um novo e moderno exemplo de cooperativismo agrícola.

Do ponto de vista da política, isso significava que a propriedade comum da terra, ainda em vigor nas comunas rurais, não precisava necessariamente ser substituída pelo alastramento da propriedade privada, concebido por alguns como um passo inescapável para a formação do proletariado urbano. Ademais, através de estudos sobre a Argélia por outro teórico russo – o sociólogo Maxim Kovalevsky (1851-1916) –, Marx havia aprendido que a “individualização da propriedade da terra” (MARX, 1977, p. 109) não apenas trouxe enormes benefícios econômicos aos invasores franceses, mas também facilitou a realização de um “objetivo político” fundamental dos colonizadores: “destruir as bases desta sociedade” (MARX, 1977, p. 109).

Contrariamente a uma interpretação hoje popular que tenta retratar Marx – apesar das evidências textuais reveladas pelas publicações da nova *Marx-Engels-Gesamtausgabe* e de estudos significativos publicados em anos recentes (cf. MUSTO, 2020, pp. 407-19; ANDERSON, 2019) – como um autor economicista e eurocêntrico, para ele a eclosão de uma revolução não dependia apenas da dinâmica econômica. O fator político foi sempre o elemento central para a derrubada do sistema. No entanto, Marx estava bem ciente de que certas condições materiais específicas eram necessárias para a emergência de uma sociedade baseada em princípios socialistas.

II. O capitalismo é essencial para uma revolução comunista?

A convicção de que a expansão do modo de produção capitalista era uma condição necessária para o nascimento da sociedade comunista percorre toda a obra de Marx. No *Manifesto do partido comunista* (1848), ele e Friedrich Engels declararam que as tentativas de uma revolução da classe trabalhadora durante a época da derrubada da sociedade feudal estavam fadadas ao fracasso, devido ao então “estado embrionário do próprio proletariado, como devido à ausência das condições materiais de sua emancipação, condições que apenas surgem como produto da época burguesa” (MARX; ENGELS, 2010a, p. 66).

Explorando as novas descobertas geográficas e o nascimento do mercado mundial, a burguesia dera “um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países” (MARX; ENGELS, 2010a, p. 43). Mais importante ainda, forjou “as armas que lhe trarão a morte” (MARX; ENGELS, 2010a, p. 46) e os seres humanos que empunhariam essas armas: “a classe trabalhadora moderna – os proletários” (MARX; ENGELS, 2010a, p. 46), que estava aumentando no mesmo ritmo em que o capitalismo se expandia. Para Marx e Engels, “o progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e involuntário, substitui o isolamento dos operários [*labourers*],

resultante da competição, por sua união revolucionária resultante da associação” (MARX; ENGELS, 2010a, p. 51).

Marx expressou juízo semelhante, mas em uma ótica mais política, no *Discurso no aniversário do People's Paper* (1856). Recordando que forças industriais e científicas sem precedentes históricos haviam nascido com o capitalismo, ele disse aos militantes presentes no evento que “o vapor, a eletricidade e a máquina de fiar automática [*self-acting mule*] eram revolucionários de um caráter muito mais perigoso do que até mesmo os cidadãos Barbes, Raspail e Blanqui” (MARX in MARX; ENGELS, 2010c, p. 655).

Nos *Grundrisse* (1857-58), Marx repetiu várias vezes a ideia de que o capitalismo “cria a sociedade burguesa e a apropriação universal da natureza, bem como da própria conexão social pelos membros da sociedade” (MARX, 2011, p. 334). Neste texto, ele afirma claramente que:

o capital, de acordo com essa sua tendência, move-se para além tanto das fronteiras e dos preconceitos nacionais quanto da divinização da natureza, bem como da satisfação tradicional das necessidades correntes, complacentemente circunscrita a certos limites, e da reprodução do modo de vida anterior. O capital é destrutivo disso tudo e revoluciona constantemente, derruba todas as barreiras que impedem o desenvolvimento das forças produtivas, a ampliação das necessidades, a diversidade da produção e a exploração e a troca das forças naturais e espirituais (MARX, 2011, p. 334)².

Uma das análises mais minuciosas de Marx sobre os efeitos positivos da produção capitalista encontra-se no final do Livro I d'*O capital* (1867), na seção intitulada *A tendência histórica da acumulação capitalista*. Na passagem em questão, ele resume as seis condições engendradas pelo capitalismo – particularmente por sua centralização – e que constituem os pré-requisitos básicos para o nascimento da sociedade comunista. Elas são: (1) o processo de trabalho cooperativo; (2) a contribuição científico-tecnológica para a produção; (3) a apropriação das forças da natureza pela produção; (4) a criação de máquinas que só podem ser operadas em comum pelos trabalhadores (*workers*); (5) a economia de todos os meios de produção; e (6) a tendência de criação do mercado mundial. Para Marx:

Paralelamente a essa centralização, ou à expropriação de muitos capitalistas por poucos, desenvolve-se a forma cooperativa do processo de trabalho em escala cada vez maior, a aplicação técnica consciente da ciência, a exploração planejada da terra, a transformação dos meios de trabalho em meios de trabalho que só podem ser utilizados coletivamente, a economia de todos os meios de produção graças a seu uso como meios de produção do trabalho social e combinado, o entrelaçamento de todos os povos na rede do

² Para comentários sobre esse texto complexo, cf. Musto (2008).

mercado mundial e, com isso, o caráter internacional do regime capitalista. (MARX, 2017, p. 832)

Marx bem sabia que a concentração da produção nas mãos de um número menor de chefes aumentou “a massa da miséria, da opressão, da servidão, da degeneração, da exploração” (MARX, 2017, p. 832) da classe trabalhadora, mas também estava sabia que “a cooperação dos assalariados é [...] um mero efeito do capital que os emprega simultaneamente” (MARX, 2017, p. 407). Ele estava convencido de que o crescimento extraordinário das forças produtivas sob o capitalismo, maior e mais rápido do que em todos os modos de produção anteriormente existentes, havia criado as condições para superar as relações socioeconômicas que o próprio capitalismo trouxe consigo e, portanto, as condições para alcançar a transição para a sociedade socialista.

Em suma, com base no método dialético que utilizou em *O capital*, Marx sustentava que “os elementos criadores de uma nova sociedade” amadureciam junto com “as condições materiais e a combinação social do processo de produção” (MARX, 2017, p. 571). Esses “pressupostos materiais” são decisivas para a conquista de uma “nova síntese, superior” (MARX, 2017, p. 572) e, embora a revolução nunca vá surgir apenas através da dinâmica econômica, mas exija sempre também um fator político, o advento do comunismo requer “uma base material da sociedade ou uma série de condições materiais de existência que, por sua vez, são elas próprias o produto natural-espontâneo de uma” (MARX, 2017, p. 154).

Ideias similares que confirmam a continuidade do pensamento de Marx estão contidas em escritos curtos, mas significativos, de caráter político que ele escreveu após *O capital*. Nas notas sobre o livro de Bakunin *Estatismo e anarquia* (1874), as quais documentam suas diferenças radicais com o revolucionário russo sobre as premissas para uma alternativa à sociedade capitalista, Marx disse sobre o sujeito social que liderará a luta:

uma revolução social radical está ligada a certas condições históricas do desenvolvimento econômico; estas são seu pressuposto. Portanto, ela só é possível onde, juntamente com a produção capitalista, o proletariado industrial assume no mínimo uma posição significativa na massa popular (MARX, 2012, p. 91).

Na *Crítica do Programa de Gotha* (1875), ele argumentou ainda sobre a necessidade de “demonstrar com precisão de que modo, na atual sociedade capitalista, são finalmente criadas as condições materiais etc. que habilitam e obrigam os trabalhadores a romper essa maldição histórica” (MARX, 2012, p. 24). Finalmente, em um de seus últimos escritos curtos publicados, o “Preâmbulo” (1880) ao programa eleitoral do Partido Trabalhador Francês, ele enfatiza que um requisito essencial para

a apropriação dos meios de produção pelos produtores é “a forma coletiva, cujos elementos materiais e intelectuais são formados pelo próprio desenvolvimento da sociedade capitalista” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2010e, p. 341).

III. O caso russo: os marxistas assim pensavam, não Marx!

Embora Marx estivesse fortemente convencido de que o capitalismo era uma transição essencial para que se criassem as condições históricas com as quais a classe trabalhadora pudesse lutar pela transformação comunista da sociedade, ele sempre negou veementemente ter concebido uma interpretação monolítica da história, segundo a qual os seres humanos seriam destinados a seguir o mesmo caminho em todos os lugares do mundo e através de estágios temporais idênticos. Completamente oposto a qualquer teoria meta-histórica, entendida como uma marcha universal inevitavelmente imposta a todos os povos e desvinculada de uma análise rigorosa dos diferentes contextos econômicos e sociais, Marx refutou repetidamente a tese erroneamente atribuída a ele acerca da inevitabilidade do modo de produção burguês. Ele acreditava que o curso da história não poderia ser imaginado com base em leis abstratas, mas deveria ser sempre medido conforme os diferentes contextos existentes. A controvérsia acerca da perspectiva do desenvolvimento capitalista na Rússia, em geral conhecida através das cartas trocadas entre Vera Zasluch (1849-1919) e Marx, fornece evidências claras disso.

Em novembro de 1877, Marx rascunhava uma longa carta ao comitê editorial da *Notas patrióticas* [*Otechestvennye Zapiski*], na qual buscava responder um artigo tratando do futuro da *obshchina* na Rússia – Karl Marx perante o tribunal do Sr. Zhukovsky – de autoria do crítico literário e sociólogo Nikolai Mikhailovsky (1842-1904)³. Todavia, a carta continha algumas antecipações interessantes dos argumentos que Marx usaria mais tarde em sua resposta a Zasluch.

Numa série de ensaios, Mikhailovsky havia levantado uma questão muito semelhante àquela que Zasluch proporia quatro anos depois, apesar de certas diferenças. Para Zasluch, o cerne da questão era o impacto que possíveis mudanças na comuna rural teriam na atividade de propaganda do movimento socialista. Mikhailovsky, por sua vez, estava preocupado em discutir em um nível mais teórico as várias posições sobre o futuro da *obshchina*, alcançando desde a tese dos economistas liberais de que a Rússia deveria simplesmente acabar com a *obshchina* e abraçar um regime capitalista, até o argumento de que a comuna poderia se desenvolver mais e

³ Marx reescreveu a carta algumas vezes, mas no fim ela permaneceu na forma de esboço, com marcas de edição, e nunca chegou a ser de fato enviada.

evitar os efeitos negativos do modo de produção capitalista sobre a população rural.

Enquanto Zasulich procurava Marx para descobrir suas opiniões e receber conselhos para o trabalho prático, Mikhailovsky, um eminente representante da ala mais moderada e liberal do populismo russo, tinha clara inclinação pela segunda tese e acreditava que Marx tinha preferência pela primeira. Enquanto Zasulich escreveu que “marxistas” estavam argumentando que o desenvolvimento do capitalismo era indispensável, Mikhailovsky foi mais longe e reivindicou que o autor desta tese era o próprio Marx em *O capital*.

Em sua resposta a Mikhailovsky, por meio da carta ao comitê editorial da *Notas patrióticas*, Marx decidiu “falar abertamente” e expressar as conclusões às quais alcançara depois de muitos anos de estudo. Ele começou com a seguinte frase: “se a Rússia prosseguir no rumo tomado depois de 1861, ela perderá a melhor chance que a história já ofereceu a um povo, para, em vez disso, suportar todas as vicissitudes fatais do regime capitalista” (MARX in MARX; ENGELS, 2013, p. 54).

O primeiro esclarecimento fundamental de Marx dizia respeito às áreas às quais havia se referido em sua análise. Ele recordou que, na seção de *O capital* intitulada “A chamada acumulação primitiva”, ele procurou descrever como a “dissolução da estrutura econômica da sociedade feudal” libertou os elementos da “estrutura econômica da sociedade capitalista” na “Europa ocidental”. O processo não ocorreu em todo o mundo, portanto, mas apenas no Velho Continente. Marx referiu-se a uma passagem na tradução francesa de *O capital* (1872-75), na qual afirmava que a base para a separação dos produtores de seus meios de produção foi a “expropriação dos agricultores”, acrescentando que “ela só se realizou de um modo radical na Inglaterra”, mas que “todos os outros países da Europa ocidental percorrem o mesmo processo” (MARX in MARX; ENGELS, 2013, p. 55)⁴.

É também este o horizonte espacial dentro do qual devemos compreender a famosa afirmação no prefácio de *O capital*, v. 1: “o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu futuro” (MARX, 2017, p. 78). Escrevendo para um público leitor alemão, Marx observou que “atormenta-nos, do mesmo modo como nos demais países ocidentais do continente europeu, não só o desenvolvimento da produção capitalista, mas também a falta desse desenvolvimento” (MARX, 2017, p. 79). De seu ponto de vista, ao lado das “misérias modernas”, os alemães eram afligidos “toda uma série de misérias

⁴ Essa adição ao texto original de 1867, que Marx fez ao revisar a tradução francesa do livro, não foi incluída por Engels na quarta edição alemã de 1890, que mais tarde se tornou a edição padrão para as traduções de *O capital*.

herdadas, decorrentes da permanência vegetativa de modos de produção arcaicos e antiquados, com o seu séquito de relações sociais e políticas anacrônicas” (MARX, 2017, p. 79)⁵. Foi para o alemão que poderia “se for tomado por uma tranquilidade otimista, convencido de que na Alemanha as coisas estão de longe de ser tão ruins” (MARX, 2017, p. 78), que Marx afirmou “*De te fabula narratur!*” (MARX, 2017, p. 78).

Marx também demonstrava uma abordagem flexível em relação a outros países europeus, uma vez que não considerava a Europa como um todo homogêneo. Num discurso proferido em 1867 à Sociedade Educacional dos Trabalhadores Alemães em Londres, depois publicado no *Der Vorbote* em Genebra, ele argumentou que os proletários alemães poderiam levar a cabo com sucesso uma revolução porque “ao contrário dos trabalhadores de outros países, eles não precisam passar pelo longo período de desenvolvimento burguês” (MARX in MARX; ENGELS, 2010d, p. 415, tradução livre).

Na carta à redação da *Notas patrióticas*, Marx partilha da visão de Mikhailovsky de que a Rússia poderia “sem experimentar a tortura infligida por esse regime, apropriar-se de todos os seus frutos mediante o desenvolvimento de seus próprios pressupostos históricos” (MARX in MARX; ENGELS, 2013, p. 54). Ele acusou Mikhailovsky de “metamorfosar totalmente o meu esquema histórico da gênese do capitalismo na Europa ocidental em uma teoria histórico-filosófica do curso geral fatalmente imposto a todos os povos, independentemente das circunstâncias históricas nas quais eles se encontrem” (MARX in MARX; ENGELS, 2013, p. 56). Continuando seu argumento, Marx apontou em sua análise em *O capital* que a tendência histórica da produção capitalista residia no fato de que ela “criou os elementos de uma nova ordem econômica, proporcionando ao mesmo tempo o maior impulso às capacidades produtivas do trabalho social e ao desenvolvimento integral de todo produtor individual” (MARX in MARX; ENGELS, 2013, p. 55); com efeito, ela estava “baseada de fato já num modo de produção coletivo” e não poderia deixar de “transformar-se em propriedade social” (MARX in MARX; ENGELS, 2013, p. 55).

Mikhailovsky, então, poderia aplicar este esboço histórico à Rússia de apenas

⁵ Na edição francesa, Marx restringiu ligeiramente o escopo dessa frase: “o país mais desenvolvido industrialmente não faz senão mostrar seu futuro aos países que seguem o caminho da industrialização” (MARX, 1989, p. 12, tradução livre). Em *Provincializing Europe* (2000), Dipesh Chakrabarty interpreta equivocadamente essa passagem como um típico exemplo do historicismo segundo o qual “primeiro na Europa, depois nos demais lugares” (CHAKRABARTY, 2000, p. 7). Ele apresenta ainda as “ambiguidades na prosa de Marx” (CHAKRABARTY, 2000, p. 65) como características daqueles que viam a “história como a sala de espera, o período necessário para a transição para o capitalismo em qualquer época ou lugar. Esse é o período que ao qual [...] o terceiro mundo está frequentemente consignado” (CHAKRABARTY, 2000, p. 65). De todo modo, em *The fetish of 'the West' in postcolonial theory*, Neil Lazarus apontou com precisão que “nem toda narrativização da história é teleológica ou ‘historicista’” (LAZARUS, 2002, p. 63).

uma maneira: se a Rússia tendia “a tornar-se uma nação capitalista a exemplo das nações da Europa ocidental” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 56) – e na visão de Marx, ela estava se rumando muito nessa direção nos últimos anos – ela não seria bem-sucedida “sem ter transformado, de antemão, uma boa parte de seus camponeses em proletários” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 56); subsequentemente, “uma vez levada ao âmago do regime capitalista, terá de suportar suas leis impiedosas como os demais povos profanos” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 56).

Marx estava mais aborrecido porque pensava que seu crítico se propunha a “transformar [o seu esboço histórico] da gênese do capitalismo na Europa Ocidental numa teoria histórico-filosófica universal” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 56). Ele acrescentou com um toque de sarcasmo: “Porém, peço-lhe desculpas. (Sinto-me tão honrado quanto ofendido com isso).” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 56)

Assim, Mikhailovsky, que não conhecia bem a real posição teórica de Marx, criticou-a de uma maneira que parecia antecipar um dos pontos cardeais do marxismo do século XX, que já se espalhava insidiosamente entre os seguidores de Marx na Rússia e noutros locais. A crítica de Marx a esta concepção era tanto mais importante porque se referia não só ao presente, mas também ao futuro (cf. POGGIO, 1978, p. 148). No entanto, ele nunca publicou esta resposta⁶ e a ideia de que Marx considerava o capitalismo como um estágio obrigatório também para a Rússia rapidamente se impôs, tendo gerado consequências graves para o que se tornou o marxismo na Rússia.

Um mal-entendido similar aconteceu com Vera Zasluch. Grande admiradora de Marx, ela queria saber se ele conhecia a influência que tivera sobre os camaradas russos nas “discussões sobre a questão na Rússia agrária e sobre a comuna rural” (ZASULICH *in* MARX, 2013, p. 65). Ela enfatizou que ele, “melhor do que ninguém”, poderia entender a urgência do problema – uma “questão de vida ou morte” para os revolucionários russos – e acrescentou que “até mesmo o nosso destino pessoal como socialistas revolucionários” (ZASULICH *in* MARX, 2013, p. 66) dependeria de seu posicionamento. Zasluch então resumiu os dois pontos de vista diferentes que surgiam nas discussões:

A comuna rural, liberada das exigências desmesuradas do fisco, dos

⁶ Já se fizeram várias tentativas de se explicar porque Marx não publicou sua resposta a Mikhailovsky. Quando, em 1885, Engels a encaminhou “Aos editores do *Severny vestnik*”, ele afirmou que a carta não fora publicada “por razões [por ele] desconhecidas” (ENGELS *in* MARX; ENGELS, 2010f, p. 311). Entretanto, um ano mais tarde, em uma carta a Vera Zasluch, ele disse que “esta foi a resposta que ele escreveu; ela carrega a marca de uma peça escrita para publicação em russo, mas ele nunca a enviou a Petesburgo temendo que a mera menção de seu nome pudesse comprometer a existência do periódico que publicasse sua resposta” (ENGELS *in* MARX; ENGELS, 2010g, p. 112). Devemos apontar que não há prova alguma de que o periódico estaria ameaçado caso contivesse um texto de Marx em suas páginas.

pagamentos aos donos das terras e da administração arbitrária, é capaz de se desenvolver pela via socialista, quer dizer, de organizar pouco a pouco sua produção e distribuição de produtos sobre bases coletivistas. Nesse caso, o socialista revolucionário deve envidar todos os seus esforços em prol da libertação da comuna e de seu desenvolvimento. Mas se, pelo contrário, a comuna está destinada a perecer, ao socialista como tal não resta outra coisa senão dedicar-se a cálculos mais ou menos mal fundamentados para descobrir em quantas dezenas de anos a terra do camponês russo passará de suas mãos para as da burguesia, em quantas centenas de anos, talvez, o capitalismo atingirá na Rússia um desenvolvimento comparável ao da Europa ocidental. Eles deverão, portanto, fazer a propaganda apenas entre os trabalhadores das cidades que por sua vez serão continuamente inundadas pela massa de camponeses, a ser lançada em seus paralelepípedos em busca de salário, como consequência da dissolução da comuna. (ZASULICH *in* MARX, 2013, p. 66)

Zasulich salientou posteriormente ainda que alguns dos envolvidos no debate argumentavam que “a comuna rural é uma forma arcaica, condenada à morte, como se fosse a coisa mais indiscutível, pela história, pelo socialismo científico” (ZASULICH *in* MARX, 2013, p. 66) e, em suma, por tudo o que está acima de debate. Aqueles que defendiam esta visão chamavam-se de “discípulos por excelência” de Marx: “marxistas” (ZASULICH *in* MARX, 2013, p. 66). O seu argumento mais forte era muitas vezes: “foi Marx quem disse isso” (ZASULICH *in* MARX, 2013, p. 66). Por essa razão, ela dirigiu um apelo sincero a Marx para que expusesse suas “ideias sobre o possível destino de nossa comuna rural e sobre a teoria da necessidade histórica de que todos os países do mundo passem por todas as fases da produção capitalista” (ZASULICH *in* MARX, 2013, p. 66).

Por cerca de três semanas, Marx permaneceu imerso nos seus documentos, ciente de que tinha de dar resposta a uma questão teórica altamente significativa e expressar a sua posição sobre uma questão política crucial. Ele não excluía a possibilidade de que a comuna rural fosse se desintegrar e terminar sua longa existência. Mas se isso acontecesse, não seria por causa de alguma predestinação histórica. Referindo-se aos seus autodeclarados seguidores que argumentavam que o advento do capitalismo era inevitável, ele comentou com Zasulich com o seu típico sarcasmo: “os ‘marxistas’ russos de que falais me são desconhecidos. Os russos com os quais tenho relações pessoais, ao que eu saiba, têm pontos de vista totalmente opostos” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 85).

Para Marx, a *obshchina* russa não estava predestinada a sofrer o mesmo destino que formas semelhantes da Europa Ocidental em séculos anteriores, onde a “transição da sociedade fundada sobre a propriedade comum para a sociedade fundada sobre a propriedade privada” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 91) foi mais ou menos uniforme. À questão se isso era inevitável na Rússia, Marx respondeu secamente: “de

modo algum” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 91). A Rússia poderia não repetir servilmente todos os estágios históricos percorridos pela Inglaterra e outros países da Europa Ocidental. Logicamente, portanto, até a transformação socialista da *obshchina* poderia acontecer sem que fosse necessário passar pelo capitalismo.

No final, Marx pensou ser necessário avaliar o momento histórico em que se considerava essa hipótese. A “melhor prova” de que um desenvolvimento socialista da comuna rural estava seguindo a “corrente histórica da época” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 81) era “a crise fatal sofrida pela produção capitalista nos países europeus e norte-americanos, onde ela mais avançou” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 81). Tirando inspiração das ideias sugeridas pela obra-prima *A sociedade antiga* (1877) do antropólogo Lewis Henry Morgan, ele esperava que a crise econômica então em curso poderia criar condições favoráveis para a “eliminação” do capitalismo e “o retorno da sociedade moderna a uma forma superior de um tipo mais arcaico: a produção e apropriação coletiva” (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 81).

IV. Mas ainda Marx

A abertura de Marx para a possibilidade do começo da revolução em regiões onde o capitalismo ainda estava em estágio nascente é um exemplo positivo da sua flexibilidade teórica e ajuda a compreender porquê, no final de sua vida, ele se concentrou consistentemente nos países periféricos e nos efeitos devastadores do colonialismo europeu.

No entanto, é fundamental enfatizar que ele nunca deixou de priorizar as lutas do movimento Trabalhador e de reconhecer o papel primário do proletariado industrial. Ele [Marx] não havia mudado seu complexo julgamento crítico sobre as comunas rurais na Rússia, e a importância do desenvolvimento individual e da produção social permaneceu intacta na sua análise. Ele não se convenceu subitamente de que as comunas rurais arcaicas eram um *locus* de emancipação mais avançado para o indivíduo do que as relações sociais existentes sob o capitalismo. Ambas permaneciam distantes de como ele concebia a sociedade comunista.

Os conhecidos rascunhos da carta de Marx a Zasulich⁷ não mostram quaisquer indícios da ruptura dramática com suas posições anteriores que detectam alguns estudiosos⁸. Marx não sugeriu como questão de princípio teórico que a Rússia, ou

⁷ Para uma análise desses textos complexos, fragmentários e incompletos, cf. Musto (2020, pp. 65-73).

⁸ Ver as interpretações de Wada em “Marx e a Rússia revolucionária” em *Marx tardio e a via russa* (SHANIN, 2017), onde o autor argumenta que os rascunhos apontam para uma “mudança marcante” (WADA *in* SHANIN, 2017, p. 110) desde a publicação de *O capital* em 1867. De forma semelhante, Enrique Dussel, em *El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana* falou de uma “mudança

outros países onde o capitalismo ainda estava subdesenvolvido, deveriam tornar-se o local especial para a eclosão da revolução; tampouco pensava que os países com um capitalismo mais atrasado estivessem mais próximos do objetivo do comunismo do que outros países com um desenvolvimento produtivo mais avançado. Em sua opinião, insurreições esporádicas ou lutas de resistência não devem ser confundidas com o estabelecimento de uma nova ordem socioeconômica sob bases comunistas. A possibilidade que considerou em um momento demasiado particular da história da Rússia, quando surgiram oportunidades favoráveis para uma transformação progressiva das comunas agrárias, não poderia ser elevada a um modelo mais geral. A Argélia dominada pela França ou a Índia britânica, por exemplo, não apresentavam as condições especiais que Tchernyshevsky identificara, e a Rússia do começo da década de 1880 não poderia ser comparada com o que possivelmente se daria ali no futuro. O novo elemento no pensamento de Marx foi uma abertura teórica cada vez maior, que lhe permitiu considerar outros caminhos possíveis para o socialismo que nunca antes levava a sério ou que considerara inatingíveis⁹.

Marx e Engels efetivamente expressaram seus pontos de vista sobre a relação entre os trabalhadores [*workers*] e os camponeses para a revolução mundial no prefácio da nova edição russa do *Manifesto do partido comunista* em 1882:

[...] na Rússia vemos que, ao lado do florescimento acelerado da velhacaria capitalista e da propriedade burguesa que começa a desenvolver-se, mais da metade das terras é posse coletiva dos camponeses. O problema agora é: poderia a *obchtchina* russa – forma já muito deteriorada da antiga posse em comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista? Ou, ao contrário, deveria antes passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente? Hoje em dia, a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia

de rumo” (DUSSEL, 1990, pp. 260; 268-9), e Tomonaga Tairako, em *Marx on capitalist globalization*, argumentou que Marx “mudo[u] sua perspectiva sobre a revolução global conduzida pela classe trabalhadora” (TAIRAKO, 2003, p. 12). Outros autores sugeriram uma leitura “terceiro-mundista” do último Marx, na qual o sujeito revolucionário não é mais o trabalhador fabril, mas as massas no campo e na periferia. Reflexões e interpretações variadas sobre essas questões também podem ser encontradas em Umberto Melotti, *Marx and the third world* (1977) e Kenzo Mohri, *Marx and underdevelopment* (1979).

⁹ Conferir o excelente trabalho de Marian Sawer, *Marxism and the question of the Asiatic mode of production*: “Particularmente na década de 1870, o que ocorreu não foi que Marx mudou de ideia sobre o caráter das comunidades aldeãs ou que decidiu que elas poderiam ser a base do socialismo tal como eram; em vez disso, ele passou a considerar a possibilidade de que as comunidades pudessem ser revolucionadas não pelo capitalismo, mas pelo socialismo. [...] Ele parece ter alimentado seriamente a esperança de que, com a intensificação da comunicação social e da modernização dos métodos de produção, o sistema das aldeias poderia ser incorporado a uma sociedade socialista. Em 1882, isso ainda parecia a Marx uma alternativa genuína à completa desintegração da *obshchina* sob o impacto do capitalismo.” (SAWER, 1977, p. 67)

poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista (MARX *in* MARX; ENGELS, 2013, p. 103).

A primeira faísca poderia ter aparecido em Pequim ou Nova Déli, mas o fogo também se espalharia por Londres e Paris.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, K. B. **Marx nas margens**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019
- CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference**. Princeton, NJ: University Press, 2000.
- DUSSEL, E. **El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana**. Mexico, DC: Siglo XXI, 1990.
- LAZARUS, N. "The fetish of 'the West' in postcolonial theory". In: BARTOLOVICH; LAZARUS (Org.). **Marxism, modernity and postcolonial studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 43-64.
- MARX, K. **O capital**. Livro I. São Paulo: Editora Boitempo, 2017a.
- MARX, K. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Editora Boitempo, 2012.
- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Editora Boitempo, 2011a.
- MARX, K. **Über Formen vorkapitalistischer Produktion**. Frankfurt: Campus, 1977.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- MARX, K. **Le capital**. Livre I – Paris 1872-1875. MEGA II. Berlim: Dietz Verlag, 1989.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Marx Engels Collected Works** v. 12. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010b.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Marx Engels Collected Works** v. 14. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010c.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Marx Engels Collected Works** v. 20. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010d.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Marx Engels Collected Works** v. 24. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010e.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Marx Engels Collected Works** v. 26. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010f.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Marx Engels Collected Works** v. 47. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010g.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Luta de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MELOTTI, U. **Marx and the third world**. London: Palgrave, 1977.
- MOHRI, K. Marx and "underdevelopment". **Monthly Review**, n. 11, v. 30, pp. 32-43, 1979.
- MUSTO, M. **The last years of Karl Marx: an intellectual biography**. Stanford, CA: Stanford University Press, 2020a.
- MUSTO, M. New Profiles of Marx After the Marx-Engels-Gesamtausgabe (Mega 2). **Contemporary Sociology**, n. 4, v. 49, pp. 407-19, 2020b.
- MUSTO, M. (Ed.). **Karl Marx's Grundrisse: foundations of the critique of political economy 150 years later**. London: Routledge, 2008.
- POGGIO, P. P. **L'Obščina**. Comune contadina e rivoluzione in Russia. Milan: Jaca Book, 1978.
- SAWER, M. **Marxism and the question of the Asiatic mode of production**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.
- TAIRAKO, T. Marx on capitalist globalization. **Hitotsubashi Journal of Social Studies**, v. 35, pp. 11-6, 2003.
- TCHERNICHEVSKY, N. "Crítica aos preconceitos filosóficos contra a comunidade agrícola". In: SHANIN, T. **Marx tardio e via russa**. São Paulo: Editora Popular, 2017.

WADA, H. Marx and revolutionary Russia. In. SHANIN, T. **Marx tardio e via russa**. São Paulo: Editora Popular, 2017.

Como citar:

MUSTO, Marcello. Marx sobre a centralidade das periferias para a revolução global. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 31, n. 1, pp. 496-509; jan.-jun., 2026.